

A construção do discurso de Giovanni Antonio Cavazzi sobre a África do século XVII.

Ingrid Silva de Oliveira *

RESUMO: Este trabalho analisa a construção das representações no discurso da obra *Descrição histórica* dos três reinos do Congo, Matamba, de autoria do capuchinho italiano Giovanni Antonio Cavazzi(1621-1678). Procura-se a compreensão dos elementos que motivaram esse capuchinho a escrever tão longamente sobre o Reino do Congo e a missão católica capuchinha na região, considerando que Cavazzi produziu a obra no contexto do embate entre os interesses do Padroado português e do Papado durante o século XVII. Para além dessa preocupação, interessa-nos abordar a obra no tema das práticas letradas europeias sobre a África.

palavras-chave: Capuchinhos; História da África; Século XVII

ABSTRACT: This article analyzes the construction of the representations in the text named *Historical Description* the three kingdom the Congo, Matamba, written by the Italian Capuchin Giovanni Antonio Cavazzi(1621-1678). It aims to understand the elements which made this Capuchin to write so lengthy work about the Kingdom of Kongo and the Catholic mission in that area, considering that Cavazzi wrote this text in a context of conflict between the Papacy's and the Portuguese Padroado's interests during the 17th century. Beyond this preoccupation, our interest is to treat Cavazzi's text in the theme of the European literate practices about Africa.

keywords: Capuchins; Africa's History; 17th century

Desde as primeiras conversões ao catolicismo registradas no reino do Congo, datadas de 1491, até a chegada do primeiro grupo de missionários capuchinhos, em 1645, várias foram as ordens católicas que deixaram registro sobre sua atuação, como os jesuítas e os carmelitas. Considerando as missões religiosas no continente africano durante o século XVII, parte da historiografia considera que a ordem dos capuchinhos foi, por mais de um século, a mais eficaz no trabalho de conversão dos povos localizados nas regiões do interior africano (BOXER, 2002:260).

Giovanni Antonio Cavazzi de Montecuccolo, nascido na Itália no ano de 1621, foi um frade capuchinho que atuou nas regiões do Congo, Matamba e Angola, durante o século XVII, enquanto essas eram áreas de influência portuguesa. Ele chegou a Luanda em fevereiro de 1654 para atuar na missão evangelizadora daquela região, integrando um grupo de doze missionários capuchinhos, e lá permaneceu até setembro de 1667, quando voltou para a

* Mestranda em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), graduada e licenciada em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É bolsista de mestrado do CNPQ.

Europa. Retornou à África em 1673, mas em 1676, atingido por uma forte doença, foi obrigado a retornar para a Europa, local de seu falecimento em 18 de julho de 1678.

Durante o intervalo de suas atividades na África (1667-1673), Cavazzi escreveu a *Istorica descrizione de' tre' Regni Congo, Matamba et Angola*, título original da obra em italiano, baseado no grande material que teria acumulado durante os treze anos iniciais da missão. A obra foi publicada pela primeira vez em Bolonha, em 1687, quase uma década após a morte de Cavazzi. Na introdução crítica da tradução portuguesa da obra, datada de 1965, Leite de Faria diz que o texto de Cavazzi teve uma rápida difusão. O grande número de traduções e resumos indica, também, uma grande receptividade da obra e a importância que aquele conhecimento reunido representou (CAVAZZI, 1965:XI-LVIII).

A *Descrição histórica dos três Reinos do Congo, Matamba e Angola* é, sem dúvida, uma das principais referências para o estudo desses reinos. Tal fonte é utilizada por historiadores que se interessam em estudar a história daquela região e trabalhos primorosos têm sido elaborados. Apesar disso, acredito que seja necessário um tratamento mais profundo do discurso de Cavazzi.

Fazendo um esforço em suplantar o preconceito do missionário em relação às sociedades que relata, alguns trabalhos tratam da ação política e da influência cultural dos capuchinhos nessas regiões, extraindo o máximo de informações relativas aos aspectos sociais vividos por africanos e europeus¹. Tais trabalhos são uma tentativa de construir um conhecimento acerca do passado das regiões do Reino do Congo, Matamba e Angola, sociedades de tradição oral, na qual os relatos de missionários e viajantes consistem na grande fonte de informações para interpretar seu passado.

Buscando dialogar com esses trabalhos, acreditamos que o estudo mais profundo do discurso de Cavazzi pode ser de grande contribuição para elucidar e entender as redes que ligavam as regiões africanas descritas, o Papado e o Império português. Ao focar naquele que está escrevendo, considerando características que incidem diretamente na escrita da *Descrição Histórica*, podemos problematizar essa fonte de forma diferente.

Ao analisar os cronistas Fernão Lopes (1378-1459) e Gomes Eanes Zurara (1410-1474), Miriam Coser (2007) analisa como que ambos representam dois momentos políticos diferentes na primeira fase da nova dinastia, o primeiro identificado com a sua legitimação e a afirmação do que era ser português e o segundo com a expansão armada no norte da África,

¹ Nesse sentido, vide Ilídio do Amaral e John Thornton. Para mais detalhes da ação missionária dos capuchinhos no Reino do Congo. Cf. Rosana Andréa Gonçalves. Esses três autores estão indicados nas referências.

como expressão de honra e glória do reino. Defende que, apesar dessas diferenças, ambos são representantes da dinastia de Avis, que tinha como projeto a elevação do rei a soberano de fato do reino português, em torno do qual se produzia uma memória, por sua vez subsídio da formação da identidade nacional portuguesa. Ao buscar semelhanças e diferenças nos textos de Fernão Lopes e Zurara, Coser enriquece a análise dos cronistas e estabelece uma ligação desses textos com o momento histórico em que estavam sendo produzidos. Ao invés de apenas pontuá-lo, a autora explora esse momento e mostra como que o estudo dessas crônicas pode contribuir para muito além da análise do discurso. Assim, é possível trazer novas análises sobre o texto de Cavazzi.

O Padroado português – combinação de direitos e deveres concedidos pelo Papado à Coroa portuguesa – era o grande responsável pelas missões católicas durante o século XVI. Considerada como a patrona das missões eclesiásticas católicas em diversos lugares do mundo, a Coroa tinha amplo poder sobre os postos, cargos e benefícios eclesiásticos nessas missões. Significa dizer que nenhum bispo podia ser nomeado sem a permissão do rei português, assim como nenhuma missão podia atuar sem sua autorização. Muitas vezes as ordens do rei português eram enviadas diretamente aos religiosos nas missões, passando por cima da autoridade dos membros católicos de Roma.

Porém, esse monopólio português da conversão começou a ser questionado. Ainda no século XVI, missionários espanhóis de ordens mendicantes tentaram contestá-lo alegando que o número de missionários não era suficiente para dar conta da conversão, mas muitos anos se passaram até conseguirem autorização para atuar na Ásia. Apenas em 1608, o papa Paulo V revogou o monopólio português na atividade missionária, autorizando formalmente essa atuação. Em 1633, essa concessão estendeu-se a outras ordens religiosas e, em 1673, ao clero secular. Apesar disso, os capuchinhos italianos enviados para trabalhar no Congo e em Angola, pela Propaganda Fide, juraram obediência ao Padroado português a partir de 1649.

A Sagrada Congregação da Propaganda Fide foi fundada em Roma, em 1622, buscando um maior controle papal sobre as missões religiosas, em detrimento do poder do Padroado. A essas medidas de controle, a Coroa portuguesa reagiu alegando que nunca havia proibido a atuação de missionários estrangeiros nas missões do Padroado, desde que o fizessem autorizados pelo rei português e permanecessem submetidos às suas ordens. Mesmo assim, o Papado escolhia missionários não submetidos ao governo português e Cavazzi era um deles.

Submetido à Sagrada Congregação da Propaganda Fide, Cavazzi escreveu amplamente sobre a missão dos capuchinhos nos reinos do Congo, Matamba e Angola. O período da

atuação de Cavazzi na África compreende, justamente, a época de maior conflito entre os interesses do Padroado português e do Papado com relação aos controles das missões no Ultramar, fomentado pelo fim da União Ibérica em 1640. Nesse ínterim, o texto da *Descrição Histórica* pode ser entendido como um discurso de divulgação da Sagrada Congregação da Propaganda Fide, afirmando sua capacidade no processo de conversão dos pagãos africanos e expansão do evangelho, em resposta às críticas do Padroado português.

Cavazzi chegou ao continente africano no momento em que os comerciantes holandeses iniciaram inserções nos portos próximos à foz do rio Congo, fazendo concorrência aos portugueses e estreitando cada vez mais os laços comerciais com os congolese. Ao analisar o catolicismo no Congo, Marina de Mello e Souza afirma que apesar dessa crescente comercialização com os holandeses, os congolese mantiveram o catolicismo como um elemento central na legitimação do poder dos chefes, buscando até mesmo o apoio direto de Roma, que passou a mandar missionários ao Congo, a partir de 1645 (SOUZA, 2006:290).

Como religioso, Cavazzi certamente entendia sua missão nos reinos do Congo, Matamba e Angola como o caminho a percorrer para a consolidação da Igreja, no qual a conversão alargaria sua área de atuação. Os missionários – em papel análogo ao dos apóstolos – tinham o dever de levar a palavra do Evangelho a todos os povos que permaneciam no paganismo.

Apesar desse caráter religioso, eles tinham também o intuito de civilizar, ou seja, levar sua cultura para outras regiões. A obra de cristianização, portanto, não está desvinculada da tomada de posse e o messianismo universal se justificaria dentro dos interesses da monarquia portuguesa. Isso porque, apesar de ligado à Sagrada Propaganda Fide, Cavazzi faz referência a uma autorização que foi dada aos capuchinhos diretamente pelo rei português e salienta como isso foi fundamental para a continuação e sucesso da missão. Tratando das suspeitas acerca do posicionamento político dos capuchinhos de sua missão, Cavazzi assevera:

Prouve, porém, a Nosso Senhor consolar a inocência dos nossos mediante uma sagaz e continuada investigação que, sobre o seu comportamento, faziam o magistrado e os presidentes da Câmara Régia. Estes, satisfeitos e persuadidos do génio dos missionários, completamente alheios a estas ocupações, escreveram para Lisboa a informar o rei acerca da provada inocência dos capuchinhos e a suplicar que lhes fosse concedida licença para fundarem a missão, em benefício da população da cidade.

Esta autorizada declaração desenganou completamente Sua Majestade e toda a corte, antes abalada pelas freqüentes cartas chegadas a diversas personagens e escritas por pessoas diferentes. Portanto, sem darem importância a semelhantes calúnias, desde então favoreceram unânimemente a missão. Mais ainda: o próprio rei respondeu cortêsmente muitas vezes às instâncias do magistrado de Luanda, como se pode verificar nos nossos arquivos de Roma e Luanda. Numa destas respostas, com data de 22 de março do ano de 1655, o rei confirmou aos

Capuchinhos a licença de morarem em Luanda e em todo o reino de Angola, exigindo só que à sua chegada se apresentassem ao governador, para que esse fosse certificado que não entravam, por enquanto, religiosos súbditos de Espanha, nem qualquer outro religioso sem o passaporte e o embarque de Lisboa.
(CAVAZZI, 1965:400)

Ao estender a análise para essas questões, observa-se também a cautela com a qual a monarquia administrativa portuguesa controlava as ações espanholas na região. Luiz Felipe de Alencastro trata da “paranóia lusitana”, se referindo à desconfiança com a qual a monarquia portuguesa observava a presença de espanhóis e holandeses nas regiões africanas. O desembarque dessa missão capuchinha era vista como uma ameaça, já que havia boatos de que o chefe da missão, frei Pamplona, comandaria uma invasão em Luanda com um exército de 11 mil espanhóis para expulsar os portugueses da África Central. Tal boato decorria do fato de Pamplona já ter sido general de Castela e próximo ao rei Filipe IV (ALENCASTRO, 2000:261).

Filipe IV tinha o domínio de várias regiões da Itália e também subjugava o papa, impedindo que a Santa Sé reconhecesse o governo português. Portanto, por ter sido organizada pela Propaganda Fide e pela província espanhola da ordem dos capuchinhos, a missão teve grandes dificuldades de ser aceita na região do Congo, uma vez que seus representantes tinham forte aliança com a Coroa portuguesa.

Além de analisar mais minuciosamente essas questões, outras indagações acerca da *Descrição Histórica* podem ser realizadas. É sabido que Cavazzi a teria escrito num intervalo de sua ação missionária, decorrente de uma licença que lhe foi dada pela Ordem dos Capuchinhos. Tal fato mostra a grande importância que essa compilação representava para a Sagrada Propaganda e para a Ordem, uma vez que eles retiraram, ainda que temporariamente, um missionário que já estava adaptado e conhecia muito bem aquelas regiões. A necessidade de realizar uma memória da ação dos capuchinhos naquela área era tamanha que licenciaram um religioso que já estava trabalhando há dez anos, num território em que a mortalidade de missionários era muito alta.

Leite de Faria esboça uma hipótese ao dizer que os capuchinhos receberam, em Luanda, uma carta do futuro cardeal Rospigliosi, datada de Roma em 14 de março de 1665, na qual lhes era recomendado que registrassem memórias sobre seu apostolado. Essa teria sido uma motivação para o início da compilação dos documentos e relatos que compõem a obra (CAVAZZI, 1965:XXVII).

Outra questão que merece atenção é referente às traduções da obra e que nos remete ao impacto e circulação daquele discurso na Europa. Existiram muitas traduções e resumos após

a publicação do original italiano, em 1687. Uma segunda publicação em italiano foi feita em 1690, com redução de informações e, conseqüente, menor tamanho. Traduções e resumos em alemão e francês foram realizados. A tradução para a língua portuguesa foi feita apenas em 1965, mais de 250 anos após a publicação original em italiano. Ela foi feita a pedido de entidades representativas no campo cultural e administrativo de Luanda. Essa solicitação foi feita aos capuchinhos que chegaram a Luanda em 1948.

Essa tardia tradução foi explicada por Leite Faria. Segundo ele, como os portugueses estavam naquela região há muito tempo, já possuíam todas aquelas informações, o que implicaria na pouca utilidade desse livro para eles, ao contrário daqueles que não estavam presentes ali, como franceses e alemães (CAVAZZI, 1965:XXII).

Mesmo sendo uma hipótese plausível, considerando que a missão capuchinha atuou naquela região com a autorização da Coroa portuguesa e que existia um grande receio e ameaça de ataques de outros europeus naquelas regiões, é difícil aceitar a idéia do desinteresse português em saber as informações que estavam sendo divulgadas sobre seu território no Ultramar.

As idéias de um texto dependem profundamente do vocabulário, da semântica, da linguagem e, no caso de Cavazzi, das ilustrações através dos quais se expressam. Acredita-se que atentar para esses elementos é primordial para compreender o sentido das idéias trazidas no discurso. É necessário também examinar as condições que regulam a produção desse discurso, aludindo aos contextos sociais, literários e intelectuais que permitem uma compreensão mais profícua de sua construção, assim como as condições de circulação e reconhecimento desse discurso, ligadas às possibilidades das idéias transitarem na sociedade e de modificá-la ou não.

Ainda pensando num enriquecimento da análise do texto de Cavazzi é possível pensar num trabalho comparativo com outro cronista, como o texto de Cadornega². No intuito de

² António de Oliveira de Cadornega nasceu em Vila Viçosa, Portugal, fins de 1623 ou início de 1624. Faleceu em Angola, 1960. É autor dos 3 volumes que compõem a *História Geral das Guerras Angolanas*, concluída em 1681, mas só impressa em 1940-1941. Embarcou aos 15 anos como militar voluntário para Angola, juntamente com seu irmão Manuel. Seu irmão como alferes e António como soldado. Segundo Arlindo Correia, essa decisão decorreu do medo da Inquisição, destino de todos os cristãos novos que de qualquer maneira se salientavam. Partiram no mesmo navio que o Governador Geral nomeado, Pedro César de Menezes, tendo aportado em Benguela, e depois a Luanda, em 18 de Outubro de 1639. Pouco tempo depois, aconteceu a tomada de Luanda pelos holandeses e a população branca acaba por se refugiar toda na Vila da Vitória de Massangano. A carreira militar de António prosseguiu e em 29 de Janeiro de 1649 foi elevado ao posto de capitão, posto em que, bastantes anos mais tarde, se reformou, tendo ficado a residir naquela fortaleza, pelo espaço de cerca de 28 anos. A certa altura, António reformou-se no posto de capitão e foi nomeado Juiz ordinário de Massangano. Em 1669, mudou a sua residência para Luanda, onde foi vereador da Câmara, assinando papéis nessa qualidade ainda em 1685. Como o título da obra indica, as campanhas militares são o assunto principal dos livros, especialmente dos primeiros dois. A defesa que fazia dos

registrar tudo o que acontecia, Cadornega – português e militar - buscou o relato de várias pessoas, especialmente dos missionários capuchinhos, entre eles Cavazzi. Acreditamos que ao buscar as similaridades e diferenças entre esses textos, a intenção de Cavazzi em divulgar ações da Propaganda Fide no trabalho de evangelização pode ser mais bem visualizada.

Em resumo, acreditamos que ao enfatizar essas diferentes questões possamos encontrar outros fatores importantes para a compreensão e enriquecer o conhecimento sobre o texto de Cavazzi. Tais resultados contribuem não apenas para a história das sociedades africanas em questão, mas também para a história do Império português e suas relações com seus territórios do Ultramar.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Luis Felipe de. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

AMARAL, Ilídio do. *O reino do Congo, os Mbundu (ou Ambundos), o reino dos “Ngola”(ou de Angola) e a presença portuguesa, de finais do século XV a meados do século XVI*. Lisboa: Ministério da Ciência e da Tecnologia. Instituto de Investigação Científica Tropical, 1996.

BOXER, Charles R. *O império marítimo português 1415-1825*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *Relações raciais no Império colonial português (1415-1825)*. Trad. Sebastião Brás. Porto: Alimbramento, 1977.

CAVAZZI DE MONTECÚCCOLO, Pe. João António. *Descrição histórica dos reinos do Congo, Matamba e Angola*. Tradução, notas e índices do Pe. Graciano Maria de Leguzzano. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965. 2 v.

CORREIA, Arlindo. *António de Oliveira de Cadornega (1623- 1690)*. Disponível em:
< <http://arlando-correia.com/200208.html> > Acesso em 09 de mai. 2009

COSER, Miriam. *A dinastia de Avis e a construção da memória do reino português: uma análise das crônicas oficiais*. In. *Cadernos de Ciências Humanas - Especiaria*. v. 10, n.18, jul. - dez. 2007, p. 703-727.

portugueses, em seu texto, é marcante. As batalhas vencidas pelos portugueses são descritas em detalhe em muitas páginas, ao passo que resume as derrotas a poucas linhas.

GONÇALVES, Rosana Andréa. *África indômita: Missionários capuchinhos no Reino do Congo (século XVII)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, dissertação de mestrado, 2008.

PAGDEN, Anthony. *Lords of all the World: ideologies of Empire in Spain, Britain and France (c.1500-c.1800)*. New Haven/London: Yale University Press, 1995.

SOUZA, Marina de Mello e. Catolicismo e comércio na região do Congo e de Angola, séculos XVI e XVII. In: João Fragoso; Manolo Florentino; Antonio Carlos Jucá de Sampaio; Adriana Pereira Campos. (Org.). *Nas rotas do Império. Eixos mercantis, tráfico e relações sociais no mundo português*. Vitória: EDUFES, IICT, CNPq, 2006, p. 279-298.

THORNTON, John K. *The Kingdom of Kongo: civil war and transition 1641-1718*. Madison: University of Wisconsin Press, 1983.